

"A ESPERA"

Manhã do dia 13.06.87, o grupo se divide em 2 e quipes: Rogério, Júlio, Marinho e Joaquim Justino partem para terminar a topografia da Gruta das Pérolas. Roberto, Waldner, Ericson, Carlos (Cae), Luiz (Xisto) vamos conhecer o Taqueupa. Tudo pronto, 12 kilos nas costas, nossa sobrevivência para 3 dias. Assim iniciava-se mais uma das viagens ao Taqueupa.

Nosso objetivo era ficar no máximo 48 horas, sendo 36 de atividades e 12 de sono; assim foi, tudo no cronograma como havíamos previsto em São Paulo.

Realmente as galerias da "Rede Tatus" fazem jus às inscrições fixadas no portão de entrada. Muita contemplação e 250 slides.

Após 48 horas de caverna chegávamos de volta ao "Estreito do Afogado", e de acordo com nossa previsão estava inundado. Na noite passada percebemos uma queda muito grande de temperatura e associamos a entrada de muita água fria na caverna. Tentamos identificar o local cheio de água, mas era impossível. Calculamos que a enchente avançava mais ou menos 2 metros acima do nível normal.

Acomodamos nossas mochilas da melhor maneira possível, a fim de evitar problemas, uma vez que dispúnhamos de pouco espaço para 5 pessoas. Fizemos uma reunião onde todos opinaram sobre possíveis sifonamentos no caminho de volta. Concluímos que seria impossível a nossa saída nessas condições. Procuramos um ponto fixo e distinto que pudéssemos comparar com o nível da água e observarmos se aumentava ou diminuía.

Quatro horas se passaram e o nível da água era o mesmo. Fizemos um inventário de alimentos e carbureto. Quanto à iluminação, não havia problema; tínhamos muito carbureto e mesmo assim resolvemos deixar só uma lanterna acesa. Alimentos, tínhamos o suficiente, mas entramos em esquema de racionamento.

Lá fora provavelmente começava a escurecer. No estreito a água começou a diminuir e a esperança de uma breve saída renasceu. Agora sabíamos que não mais chovia lá fora e que a água baixaria lentamente se não voltasse a chover.

Lembramos que lá em cima era mais confortável para dormir, mas ninguém quis tirar os olhos da água. Resolvemos esperar ali mesmo onde podíamos ver o nível da água.

Fizemos um chá acompanhado de pão, uvas passas e algumas piadas. Em nenhum momento deixamos transparecer preocupação excessiva ou pessimismo, ao contrário, durante todo tempo tínhamos confiança em nosso grupo, só esperávamos o momento certo para sairmos.

Cada um procurou um canto para dormir e revezávamos a vigia em relação à água. A alguns metros acima do "Marco 90" (antiga base topográfica) passamos a noite. Por várias vezes todos acordávamos certos de termos ouvido vozes. Lembramos então das histórias que as pessoas que ficaram presas na casa de pedra contaram. As vozes pareciam reais, mas não passavam de sons da água tentando sair da caverna.

Seria impossível alguém conseguir vencer a correnteza e o frio, por isso não contamos com ajuda externa. Quando planejamos a expedição, decidimos que todos levariam carbureto e alimentos para emergências, também uma boia para trechos de natação. Dessa vez não foi em vão, tivemos que usar. Sabíamos que um dia passaríamos por essa prova "quem procura acha", e sabe quando pode achar; para tanto tem que estar preparado.

Lá fora amanhecia a terça-feira. Durante a noite a água havia diminuído bastante, então fizemos mais uma reunião para avaliar a nossa saída. Segundo os meus cálculos a água estava a mais ou menos 70 centímetros acima do nível normal, tratamos de arrumar nossas mochilas e carregar as lanternas; a hora esperada era essa. Um chá bem quente, chocolate, sementes de abóbora e granola foram suficientes para repor nossas energias.

Rapelamos até o roncador e constatamos a previsão de 70 centímetros. Fizemos uma cordada de 20 metros; o Waldner na frente amarrado à boia ia escolhendo o melhor caminho, a sua segurança era dada pelos outros quatro, todos clipados à corda. Eu fechava a cordada e observava toda a cena. O barulho da água confundia a nossa comunicação. Muito frio apesar da blusa de lã, mas não paramos a não ser por uma vez para devorarmos uma lata de leite condensado.

Muitos tombos e a correnteza tentava levar alguém, quando usávamos a corda de segurança. Avistamos as pinguelas, conscientes de em minutos acabar tudo aquilo. Após 75 horas de caverna, chegávamos no exterior, onde o Sr. Joaquim Justino pacientemente olhava a água saindo da caverna, provavelmente imaginando como e onde estávamos.

Lá fora sob o sol da tarde a equipe que havia ido para Pérolas preparava-se para entrar.

ROBERTO RODRIGUES
Pelo Grupo Pierre Martin de Espeleologia

* * *